



UMA VIAGEM À ÁFRICA DO SUL E ÀS ILHAS MAURÍCIO

Carminha

Fevereiro de 2010

Para começar

Pode ser que você, que está lendo este texto, imagine que resolvi fazer um diário de viagem para alguém. Não, inicialmente não é nada disso.

Até é gostoso imaginar que alguém poderá lê-lo. No entanto, se você é um destes, aqui entre nós, tenho que te contar que resolvi começar a escrever para não me esquecer daquilo que vejo e sinto quando viajo ou, ao menos, para me lembrar um pouco mais do que se experimenta, nesses períodos, nos quais saímos do nosso cotidiano, especialmente preparados para ser (mais) felizes.

Sim, é verdade, a memória vai diminuindo quando se tem 54 anos, mas, também, tem o fato de que temos, Eliseu e eu, viajado mais, intermediando esses períodos tão deliciosos, com outros mais densamente tomados pelo trabalho, o que significa que não conseguimos mais ter, como se deveria ocorrer, um antes e um depois. Estou me referindo àqueles interregnos em que se fazem contatos, procura-se informações, escolhe-se o que vai ser priorizado e, depois, rememora-se como aconteceu, organizam-se as fotos, enfim, puxa-se da mente e do coração as expectativas em relação à viagem que virá e às lembranças em relação à que se foi.

O viajante é um ser especial, ou melhor, que se deixa ficar especial. Em todos sentidos, especialmente mais observador, se essa é uma característica dele; especialmente mais sensível, se está disposto a deixar o coração sentir; especialmente mais alegre, se a vida nem sempre lhe permite isso; especialmente mais chato, se é isso o máximo que ele se oferece na vida.

Se estivermos de acordo com essa concepção, o texto do viajante também é um texto especial, nem melhor nem pior que outros textos (ainda que às vezes muito melhor ou muito pior), mas é especial porque tem suas peculiaridades: – aquelas

típicas de um olhar estrangeiro, mesmo que as viagens sejam nacionais; - as características da experiência ligeira e fugidia as quais nos proporcionamos; - as próprias daqueles que, vendo a parte, permitem-se imaginar o todo, vendo o esporádico e curto, pressupõem que atingiram o essencial e duradouro.

Bom, já deu para entender que minha opinião sobre um diário de viagem é de que não é para levá-lo a sério, mas apenas para rir com ele e rir-se dele, se for o caso, ou escolher alguma outra opção que parecer adequada....

Já que estou nessa introdução toda explicativa, vou acrescentar mais uma informação: não estou escrevendo esse diário de viagem porque sou geógrafa. Esqueça isso, por favor, se você está me lendo, para não imaginar que serei adequada deste ponto de vista. Nada da precisão e correção que a vida de pesquisadora me obrigaria, nada do didatismo e das sequências que a de professora requer, nada de registrar o maior número de informações que poderia reunir para esse diário ser útil a alguém. Estou aqui apenas para registrar o que observo (no fundo, no fundo, para registrar o que sinto, porque tudo vem misturado com os sentimentos de agora e do passado).

Assim, como os sentimentos vão ter mais peso que a razão, peço desculpas pelos pieguismos (sempre ficamos assim em férias), pelas opiniões politicamente incorretas (quando na condição de professora tenho que ser cuidadosa com isso, há sempre os momentos em que é preciso se deixar escorregar) e pelo excesso de pessoalismos (será que há esta palavra?), mas ter esse direitos é fundamental quando não estou escrevendo por razões profissionais.